

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE ENFERMAGEM E SAÚDE COLETIVA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA**

GUILHERME LAMPERTI THOMAZI

**O ACESSO DE HOMENS TRANS E PESSOAS TRANSMASCULINAS À
ATENÇÃO BÁSICA DE PORTO ALEGRE: Reflexões a partir do perfil dos
usuários vinculadas ao Ambulatório T**

**PORTO ALEGRE
2022**

GUILHERME LAMPERTI THOMAZI

**O ACESSO DE HOMENS TRANS E PESSOAS TRANSMASCULINAS À
ATENÇÃO BÁSICA DE PORTO ALEGRE: Reflexões a partir do perfil dos
usuários vinculadas ao Ambulatório T**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título Mestre em Saúde Coletiva (mestrado acadêmico), junto ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Dr. Matheus Neves
Co-orientadora: Dr^a. Tatiana Engel
Gerhardt

Área de Concentração: Saúde Coletiva
Linha de Pesquisa: Saúde, Sociedade e Humanidades

Porto Alegre
2022

CIP - Catalogação na Publicação

Thomazi, Guilherme Lamperti
O ACESSO DE HOMENS TRANS E PESSOAS TRANSMASCULINAS
À ATENÇÃO BÁSICA DE PORTO ALEGRE: Reflexões a partir
do perfil dos usuários vinculadas ao Ambulatório T /
Guilherme Lamperti Thomazi. -- 2022.
55 f.
Orientador: Matheus Neves.

Coorientadora: Tatiana Engel Gerhardt.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Escola de Enfermagem, Programa de
Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Porto Alegre, BR-RS,
2022.

1. Homens Trans. 2. Transmasculinos. 3. Pessoas
Transgênero. 4. Atenção Básica. 5. Acesso aos Serviços
de Saúde. I. Neves, Matheus, orient. II. Gerhardt,
Tatiana Engel, coorient. III. Título.

GUILHERME LAMPERTI THOMAZI

**ACESSO DE HOMENS TRANS E PESSOAS TRANSMASCULINAS À
ATENÇÃO BÁSICA DE PORTO ALEGRE: reflexões a partir do perfil dos
usuários vinculadas ao Ambulatório T**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Saúde Coletiva.

Aprovada em Porto Alegre, 10 de junho de 2022.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Matheus Neves (orientador)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)



Profa. Dra. Aline Blaya Martins (membro interno)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)



Profa. Dra. Laura Cecilia López (membro externo)
Universidade do Vale do Rio Dos Sinos (UNISINOS)



Dre. Ale Mujica Rodriguez (membro externo)
(AFRODITE - NUSSERGE – NUPEBISC) -
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

A todos os homens trans, transmasculinos, mulheres trans, travestis,
pessoas não binárias e dissidentes do sistema sexo-gênero que me
mostraram na prática o significado de cuidado.

Best way to start-a-new
Is to fail miserably
Fail at loving
And fail at giving
Fail at creating a flow
Then realign the whole
And kick into the starthole
To risk all is the end all and the beginning all
Moon - Björk

AGRADECIMENTOS

Começo meus agradecimentos pelo meu orientador, Matheus Neves, a minha co-orientadora Tatiana Gerhardt e ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da UFRGS pela liberdade que me deram durante o processo do mestrado me permitindo criar e estudar algo que me fizesse sentido.

À Aline Blaya, coordenadora do PPGCol por todo o apoio durante o processo do mestrado, com as conversas e compartilhamentos de possibilidades e materialidades sobre o SUS.

À Simone Ávila, não só por todo o suporte teórico/prático/metodológico desde que foi minha preceptora na residência mas por me mostrar na prática um SUS equânime, universal e integral.

À Aline Rates e Isadora Bittencourt pelas horas de discussões sobre gênero/saúde/sociedade e por compartilhar as dificuldades e delícias de fazer pesquisa no Brasil.

A minha mãe, Lenara, meu pai, Álvaro, meus irmãos Gabriel e Arthur e o restante da minha família por entender as ausências necessárias durante o processo do mestrado.

À Gabriela Tizianel por cuidar com tanto carinho, esforço e maestria da Política Municipal de Saúde LGBTQIA+ de Porto Alegre, principalmente do Ambu T.

Às minhas gatas, Layla, Irina e Perséfone.

À todas as pessoas trans e travestis que passaram e marcaram a minha vida.

RESUMO

Introdução: Com o advento do processo transexualizador no Sistema Único de Saúde em 2013 e a Política Nacional de Saúde Integral LGBT em 2017 as discussões sobre o acesso da população trans ao SUS aumentaram consideravelmente. Porém, o Brasil ainda é o país que mais mata pessoas trans e travestis no mundo, tendo um forte recorte de raça. Levando em consideração esses dois fatos, homens trans e pessoas transmasculinas são invisibilizados em ambas as áreas, nas pesquisas de saúde e nos levantamentos de assassinatos.

Objetivos: Identificar o perfil dos homens trans e pessoas transmasculinas cadastrados no Ambulatório T da Atenção Primária à Saúde de Porto Alegre de agosto de 2019 à agosto de 2021

Percurso metodológico: Este estudo se caracteriza como um estudo transversal descritivo, de abordagem quantitativa que usou o banco de dados e prontuários do serviço, os resultados estão apresentados em número total e porcentagem.

Resultados: De sua inauguração até o aniversário de dois anos de funcionamento, o serviço cadastrou 526 homens trans e 39 transmasculinos, optei por utilizar apenas usuários com as variáveis completas para construção do perfil, totalizando 384 homens trans e 34 transmasculinos. Em relação a idade 221 (57,55%) homens trans e 29 (67,65%) dos transmasculinos têm entre 20 e 29 anos. A média das idades dos usuários no serviço é de 25,84 anos, sendo 25,53 anos para homens trans e 25,32 anos para transmasculinos. Dos homens trans, 299 (77,86%) se autodeclararam brancos, 57 (14,84%) pretos, 25 (6,51%) pardos e 3 (0,78%) amarelos. Já no grupo de transmasculinos, 29 (85,29%) são brancos e 5 (14,71%) pretos. Entre os homens trans brancos, 189 (63,21%) têm, no mínimo, o ensino médio completo, contra 23 (79,31%) dos transmasculinos brancos. Apenas 128 (30,62%) dos usuários têm emprego formal e 63 (15,07%) retificaram o nome e gênero.

Considerações finais: Tais dados mostram a importância do ambulatório no ingresso de homens trans e transmasculinos na AB do município, população historicamente excluída dos serviços de saúde. Porém, as pessoas que acessam o serviço são em sua maioria jovem, branca e com alta escolaridade, perfil antagônico ao dossiê de pessoas trans e travestis assassinadas no Brasil, majoritariamente composto por pessoas negras e de baixa escolaridade. Dessa forma é necessário se pensar estratégias para aumentar a presença de homens trans e transmasculinos negros, mais velhos e com baixa escolaridade, não só ao ambulatório mas a rede de saúde do município.

Palavras-chave: Homens Trans; Transmasculinos; Pessoas Transgênero; Atenção Básica; Acesso aos Serviços de Saúde.

ABSTRACT

Introduction: With the advent of the transsexualization process in the Sistema Único de Saúde in 2013 and the National LGBT Comprehensive Health Policy in 2017, discussions on the access of the trans population to SUS have increased considerably. However, Brazil is still the country that kills the most trans people and travestis in the world, with a strong racial bias. Given these two facts, trans men and transmasculines are made invisible in both areas, in health research and in murder surveys. **Objectives:** To identify the profile of trans men and transmasculine people registered at the Trans Ambulatory of Primary Health Care in Porto Alegre from August 2019 to August 2021 **Methodological approach:** This study is characterized as a descriptive cross-sectional study with a quantitative approach that used the database and service records, the results are presented in total number and percentage. **Results:** From its opening until its two-year anniversary, the service registered 526 trans men and 39 transmasculine people, I chose to use only users with the complete variables to build the profile, totaling 384 trans men and 34 transmasculines. In relation to age, 221 (57.55%) trans men and 29 (67.65%) transmasculine people are between 20 and 29 years old. The average age of users in the service is 25.84 years old, being 25.53 years old for trans men and 25.32 years old for trans men. Of the trans men, 299 (77.86%) self-declared as white, 57 (14.84%) as black, 25 (6.51%) as brown and 3 (0.78%) as yellow. In the transmasculine's group, 29 (85.29%) are white and 5 (14.71%) are black. Among white trans men, 189 (63.21%) have at least completed high school, against 23 (79.31%) of white transmasculine. Only 128 (30.62%) of users have a formal job and 63 (15.07%) corrected their name and gender. **Final considerations:** These data show the importance of the Trans Ambulatory in the admission of trans men and transmasculine people to AB in the municipality, a population historically excluded from health services. However, the people who access the service are mostly young, white and highly educated, a profile that is antagonistic to the dossier of trans and travestis murdered in Brazil, mostly composed of black people with low education. Thus, it is necessary to think of strategies to increase the presence of black, older, and low-educated trans and transmasculine men, not only in the clinic but in the city's health network.

Key words: Transmen; Transmasculines; Transgender Persons; Primary Health Care; Health Services Accessibility.

SUMÁRIO

1 LOCALIZANDO ESSA ESCRITA - OU DE ONDE EU FALO	11
2 INTRODUÇÃO	14
3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	15
3.1 GÊNERO, HOMENS TRANS E PESSOAS TRANSMASCULINAS.....	15
3.2 A PATOLOGIZAÇÃO DE CORPOS TRANS, O SUS E A POLÍTICA DE SAÚDE INTEGRAL LGBT.....	19
3.3 INTERSECCIONALIDADE COMO FERRAMENTA ANALÍTICA.....	24
4 OBJETIVO GERAL	26
4.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	26
5 PERCURSO METODOLÓGICO	27
5.1 TIPO DE ESTUDO.....	27
5.2 CAMPO DO ESTUDO.....	27
5.3 SUJEITOS DA PESQUISA.....	27
5.4 COLETA, TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS.....	27
5.5 ASPECTOS ÉTICOS.....	28
6 RESULTADOS	30
7 DISCUSSÃO	40
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS	50

1 LOCALIZANDO ESSA ESCRITA - OU DE ONDE EU FALO

É necessário começar a tecer a escrita desse projeto me situando em relação à problemática da pesquisa, entendendo que a realidade é feita e localizada histórica, cultural e materialmente, sendo então múltipla e influenciada pela perspectiva (MOL, 2008). Esse posicionamento perante a temática é fundamental por ser sempre atravessado pelo contexto social; e trabalhoso, pois requer cotidiana tarefa de reconhecer e atenuar os viesamentos e privilégios que me perpassam, como posto por Donna Haraway (1995):

"Estou argumentando a favor de políticas e epistemologias de alocação, posicionamento e situação, nas quais a parcialidade e não a universalidade é a condição de ser ouvido [...] a visão desde um corpo, sempre um corpo complexo, contraditório, estruturante e estruturado, versus a visão de cima, de lugar nenhum, do simplismo (p. 30)".

No momento do meu nascimento, dia 5 de junho de 1995, às 10:30 da manhã, me foi imposto o sexo masculino, tendo em vista a presença de inegáveis (para a sociedade cisheteronormativa¹) características (pênis) que me enquadrariam nessa categoria. A partir desse enquadramento inicial do qual não tive agência vivi como um homem cis gay. Ocupo, a partir de uma lógica de desidentificação e desobediência, o lugar de um dissidente do sistema sexo-gênero, como posto por Paul B. Preciado na página 28 do livro *Um Apartamento em Urano: Crônicas da travessia* (2020) "sou a multiplicidade do cosmos encerrada num regime político e epistemológico gritando diante de vocês". Entendendo o gênero não como uma verdade ontológica inerente do ser, mas como um construto social a partir de repetições estilizadas e violentas por meio das diversas instituições sociais (PRECIADO, 2020; BUTLER, 2011).

Durante minha graduação em medicina veterinária tive uma enorme aproximação com o Sistema Único de Saúde, fazendo estágios na vigilância ambiental em saúde de Caxias do Sul, participando do PET GraduaSUS e de duas edições do VER-SUS. Essas experiências me fizeram prestar a prova para a

¹ Explico o termo no decorrer do referencial teórico (página 16).

Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Coletiva da UFRGS, ingressando no ano de 2018.

No primeiro ano dessa vivência fiquei um ano em uma unidade na zona sul de Porto Alegre, atendendo uma população bastante vulnerabilizada e contando com poucos equipamentos públicos. No segundo ano, rompi com a expectativa de que “o veterinário no SUS está na vigilância” e decidi entrar na Política Municipal de saúde integral LGBTQI+, tendo como preceptora Simone Ávila. Dessa forma foi possível conhecer e ter intenso contato com o movimento social de pessoas trans do município e do estado. Estas conexões ocorreram devido à minha participação na construção e funcionamento do Ambulatório T, assim como em eventos de sensibilização e educação permanente de profissionais da atenção básica (AB), saúde mental e assistência social.

Nessa vivência encontrei diversos relatos sobre as dificuldades e até impossibilidade de acesso ao SUS por homens trans e pessoas transmasculinas, sendo mais exacerbados e violentos os relatos advindos de pessoas negras. Pensando que as unidades de saúde da AB deveriam ser a porta de entrada da pessoa usuária para o SUS é necessário considerar o que causa esse não acesso, culminando não só na piora de patologias evitáveis, mas também ampliando a invisibilidade de uma população que desde sempre foi e é marginalizada. Destaco que a inexistência de dados oficiais sobre o número de pessoas trans (e LGB) no Brasil é um indicativo desse apagamento e será retomado algumas vezes nesse trabalho.

Não é possível dizer que enfrento diretamente violências como transfobia ou racismo, contudo, não é impossível mencionar que já assisti múltiplos episódios destas violências por estar ao lado de pessoas trans e/ou negras. Reconheço e utilizo esses privilégios, me colocando como aliado da causa trans. Sobre ser aliado, a vereadora Erika Hilton, a primeira mulher trans e negra eleita na cidade de São Paulo e mulher mais votada no ano de 2020, em sua entrevista dia primeiro de fevereiro de 2021 no programa Roda Viva traz:

"O papel dos aliados é compreender as nossas lutas, entender o que estamos elaborando, permitir e deixar que sejamos protagonistas, porque

a luta é nossa. Mas, na ausência de um corpo trans, um corpo cisgênero precisa ser antitransfobia."²

É necessário então se pensar nesta problemática em conjunto com os movimentos de homens trans e pessoas transmasculinas para construção conjunta do cuidado. Conforme Ávila (2014): "Falar sobre transexualidade do ponto de vista de um/a pesquisador/a não significa desqualificar ou desacreditar o discurso do/a nativo/a, e sim propor outras formas de análise, que longe de ser a única verdade, pode possibilitar a compreensão das múltiplas e diferentes formas de ser trans". Torna-se necessário então esforços de aliados e pessoas trans objetivando cuidado em saúde que seja equitativo, integral e universal para uma população extremamente invisibilizada e violentada pela sociedade.

Ressalto aqui, minha posição ética e política em relação à despatologização das identidades trans, me distanciando do discurso médico-científico hegemônico que faz uso de estratégias como a Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID-10) e o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V) para tratar pessoas não-cis/hetero como doentes necessitando de intervenções. Utilizo então, abordagens metodológicas, discursivas e teóricas em consonância com essa postura, assim como várias outras pessoas que se debruçam sobre essa temática. Finalizo minha apresentação com uma frase que acredito que sintetize minha posição ético-política como sanitaria e pesquisador, de autoria de Audre Lorde (2020): Não sou livre enquanto qualquer outra mulher for prisioneira, ainda que as amarras dela sejam diferentes das minhas. E, não sou livre enquanto uma pessoa de cor permanecer acorrentada. Nem é livre nenhuma de vocês (p.166)."

² A entrevista está disponível no canal do Youtube do programa Roda Viva: <https://www.youtube.com/watch?v=qvzQd0tN27w>

2 INTRODUÇÃO

O Brasil vem se destacando internacionalmente como o país que mais mata pessoas trans e travestis no mundo. De 2008³ até o fim de 2021 totalizam 1733 pessoas assassinadas. Esse é um dado bastante alarmante tendo em vista que não existem levantamentos realizados por órgãos oficiais no país, que podem mascarar o real número de assassinatos. No último dossiê da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), organizado por Bruna Benevides, lançado dia 29 de janeiro de 2022, dia nacional da visibilidade trans, com dados referentes ao ano de 2021 foi apresentado um total de 135 assassinatos de pessoas trans, 130 deles vitimizando mulheres trans e travestis e 5 homens trans e pessoas transmasculinas (BENEVIDES, 2022). É evidente a falta de informações oficiais sobre pessoas trans no país, dado ainda mais grave no caso de homens trans e pessoas transmasculinas.

Além das ínfimas informações sociodemográficas sobre homens trans e pessoas transmasculinas que vivem no país, os dados e pesquisas sobre demandas, necessidades e experiências dessa parcela da população no SUS se mostram precárias em relação às outras populações vulnerabilizadas. Grande parte dos estudos que abordam pessoas trans seguem uma lógica binária de patologização de seus corpos e vivências, negando seu agenciamento em relação à saúde (AVILA, 2014).

Procurando se afastar dessa lógica, o Ambulatório T da Atenção Primária à Saúde de Porto Alegre foi criado em agosto de 2019, funcionando como os Consultórios Livres de Discriminação do Uruguai e do Ambulatório de Atenção Primária à Saúde para Pessoas Trans de Florianópolis (AAPST), que realizam os atendimentos no âmbito da AB, rompendo com o modelo biomédico de saúde que patologiza identidades de gênero não cisgêneras, objetivando, assim, um atendimento equânime, integral e universal, de acordo com os princípios doutrinários do SUS (THOMAZI, 2020).

Tendo em vista a lacuna de dados referentes às populações de homens trans e transmasculinos, esse trabalho se propõe a descrever o perfil dos usuários vinculados ao ambulatório durante os dois primeiros anos de funcionamento.

³ Quando esse dado começou a ser coletado pela ANTRA.

4 OBJETIVO GERAL

Identificar o perfil dos homens trans e pessoas transmasculinas vinculados ao Ambulatório T da Atenção Primária à Saúde de Porto Alegre durante os dois primeiros anos de funcionamento do serviço.

4.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Refletir sobre vínculo prévio dos usuários com outros serviços da Atenção Básica do município;
- Identificar qual a forma que os homens trans e transmasculinos utilizam para acessar o ambulatório;
- Munir gestores, gestoras, profissionais da saúde e movimentos sociais de dados para demandar/qualificar/criar políticas públicas efetivas para homens trans e pessoas transmasculinas.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final do caminho percorrido até aqui trago novamente a reflexão acerca do lugar que eu ocupo frente aos dados analisados nesta pesquisa. A forma que escolhi para me colocar no texto, como sujeito enunciativo, foi uma escolha ético-política, de modo a me apropriar do local de fala como forma de resistência. O conhecimento não é, ou pelo menos não deveria ser, hierarquizado, embranquecido e heteronormativo. Nas palavras de Haraway (1995): “[...] a visão de cima, de lugar nenhum, do simplismo”. O processo de tentar entender as complexidades que estruturam a sociedade na sociedade é bastante doloroso e difícil, pois exige abertura e vulnerabilidade, que são temas não presentes no cotidiano do “pesquisador” biomédico. Dessa forma, os dados encontrados neste trabalho são interpretados a partir das minhas vivências, leituras, trocas afetivas e intelectuais com diversas pessoas que me atravessaram durante a vida.

O ambulatório traz incontáveis benefícios na medida em que oportuniza o ingresso de populações historicamente impedidas de acessar serviços públicos, como evidenciado neste trabalho, no qual 52,39% não tinham histórico de acesso a outras unidades de saúde. Mesmo assim, durante a confecção deste trabalho, o ambulatório funciona apenas dois turnos por semana, às segundas e quartas-feiras no turno da noite. A expansão de dias de atendimento é uma estratégia que pode ser utilizada pela Secretaria Municipal de Saúde de Porto Alegre para ampliar o acesso dessas pessoas à rede de saúde do município. Todavia, a existência desse serviço pode ser utilizada como pretexto por profissionais desmotivados a compreender as complexidades e necessidades em saúde de pessoas trans e travestis para negar acesso aos demais serviços de saúde, não realizando a escuta dessas demandas e encaminhando ao ambulatório. Dessa forma, é primordial a sensibilização e capacitação contínua dos profissionais de todos os níveis de atenção sobre as demandas, direitos e dores vivenciadas pelas pessoas trans e travestis no Brasil, para que esse vasto e diverso grupo de pessoas consiga acessar o SUS de forma integral, e não só pelo Ambulatório T.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

ALMEIDA, Guilherme. 'Homens trans': novos matizes na aquarela das masculinidades? **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 2, n. 20, p. 513-523, abr. 2012.

ALMEIDA, Guilherme; MURTA, Daniela. Reflexões sobre a possibilidade da despatologização da transexualidade e a necessidade da assistência integral à saúde de transexuais no Brasil. **Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)**, [S.L.], n. 14, p. 380-407, ago. 2013.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION et al. **DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2014.

ÁVILA, Simone Nunes. **FTM, transhomem, homem trans, trans, homem: a emergência de transmasculinidades no Brasil contemporâneo**. 2014. 241p. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

BENTO, Berenice; PELÚCIO, Larissa. Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas. **Revista Estudos Feministas**, [S.L.], v. 20, n. 2, p. 569-581, ago. 2012.

BORBA, Rodrigo. **(Des)aprendendo a “ser”: trajetórias de socialização e performances narrativas no processo transexualizador**. 2014. 206 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

BRASIL. Lei 8080 de 19 de Setembro de 1990. **Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências**.

REDE TRANS BRASIL. **I Encontro Nacional de Homens Trans da Rede Trans Brasil**. 2018. Disponível em: <http://redetransbrasil.org.br/2018/08/07/rede-trans-realiza-1o-encontro-nacional-de-homens-trans/>. Acesso em: 20 abr. 2022.

BRASIL. **Ação Direta de Inconstitucionalidade 4275**. Relator: Min. Marco Aurélio Mello. Brasília: Supremo Tribunal Federal, 1 mar. 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria Nº 2.836, de 1º de dezembro de 2011. **Institui, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), a Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (Política Nacional de Saúde Integral LGBT)**.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria n. 1.707/GM de 18 de agosto de 2008. **Institui, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), o Processo Transexualizador, a ser implantado nas unidades federadas, respeitadas as competências das três esferas de gestão.**

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria n. 2.803/GM de 19 de novembro de 2013. **Redefine e amplia o Processo Transexualizador no Sistema Único de Saúde (SUS).**

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 1.820 de 13 de agosto de 2009. Carta dos Direitos dos Usuários da Saúde Política. **Dispõe sobre os direitos e deveres dos usuários da saúde.**

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 18, de 7 de janeiro de 2019. **Estabelece regras para o cadastramento das equipes da Atenção Básica no Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde (CNES), conforme diretrizes da Política Nacional de Atenção Básica.**

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 2.436, de 21 de setembro de 2017. **Aprova a Política Nacional de Atenção Básica, estabelecendo a revisão de diretrizes para a organização da Atenção Básica, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS).**

BRAZ, Camilo. Vidas que esperam? Itinerários do acesso a serviços de saúde para homens trans no Brasil e na Argentina. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 4, p. 1-12, abr. 2019.

Bruna G. Benevides (org.). **Dossiê assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2021**. Brasília: Distrito Drag, ANTRA, 2022.

BUTLER, Judith. ***Gender trouble: Feminism and the subversion of identity***. Nova York: Routledge, 2011.

BUTLER, Judith. **Vida precária: os poderes do luto e da violência**. Trad. Andreas Lieber. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2021.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. Provimento 73 de 28 de junho de 2018. **Dispõe sobre a averbação da alteração do prenome e do gênero nos assentos de nascimento e casamento de pessoa transgênero no Registro Civil das Pessoas Naturais (RCPN).**

CRENSHAW, Kimberlé. **“Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics”**. The University of Chicago Legal Forum, n. 140, p. 139-167, 1989.

DE CARVALHO PEREIRA, Lourenço Barros; CHAZAN, Ana Cláudia Santos. O Acesso das pessoas transexuais e travestis à Atenção Primária à Saúde: Uma revisão integrativa. **Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade**, [S.l.], v. 14, n. 41, p. 1795, maio 2019.

DE JESUS, Jaqueline Gomes. Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos. **Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião**, v. 2, p. 42, 2012.

DONABEDIAN, Avedis. **An introduction to quality assurance in health care**. New York: Oxford University Press, 2003.

FLORES, Andrew R. et al. **How Many Adults Identify as Transgender in the United States?** Los Angeles, CA: The Williams Institute, UCLA School of Law, 2016.

HALA, Théo. Gênese de mim. In: SANTANA, Bruno; PEÇANHA, Leonardo Morjan Britto; CONCEIÇÃO, Vércio Gonçalves. **Transmasculinidades Negras: Narrativas plurais em primeira pessoa**. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2021. p. 39-60.

HARAWAY, D. Manifesto Ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: Tadeu, T.(Org.) **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. Pp 33-118.

HARAWAY, Donna. “Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial”. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 5, p. 7-41, 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Censo Demográfico. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/porto-alegre/panorama>. Acesso em: 16 abr. 2022.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA - IPEA. Retrato das desigualdades de gênero e raça. Brasília: Ipea, 2011. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/retrato/pdf/revista.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2022.

JUSTO, Larissa Galas et al. A territorialização na Atenção Básica: um relato de experiência na formação médica. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, [s.l.], v. 21, n. 1, p.1345-1354, 2017.

LORDE, Audre. **Irmã Outsider: Ensaios e conferências**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

MATTA, Gustavo Corrêa. Princípios e diretrizes do Sistema Único de Saúde. In: MATTA, Gustavo Corrêa; PONTES, Ana Lucia de Moura (Org.). **Políticas de saúde: organização e operacionalização do sistema único de saúde**. Rio de Janeiro: EPSJV/FIOCRUZ, 2007. p. 61-80.

MOL, Annemarie. “Política ontológica. Algumas ideias e várias perguntas”. In NUNES, J. A. & ROCHA, R. (eds.): **Objetos Impuros. Experiências em estudos sociais e ciência**, pp. 63-174. Porto: Edições Melhoramentos, 2008.

NOGUEIRA, Francisco Jander de Sousa; LEITÃO, Elaine Soares de Freitas; SILVA, Emylio César Santos da. Interseccionalidades na Experiência de Pessoas Trans nos Serviços de Saúde. **Revista Psicologia e Saúde**, [S.L.], p. 35-49, 17 nov. 2021.

Organização Mundial da Saúde. **Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde: CID-10 Décima revisão**. Trad. do Centro Colaborador da OMS para a Classificação de Doenças em Português. 3 ed. São Paulo: EDUSP; 1996.

PANAMBY, Elton. TRANSTERNIDADE (ou como nos re-parimos no meio das tempestades). In: SANTANA, Bruno; PEÇANHA, Leonardo Morjan Britto; CONCEIÇÃO; Vécio Gonçalves. **Transmasculinidades Negras: Narrativas plurais em primeira pessoa**. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2021. p. 95-106.

PFEIL, Bruno; LEMOS, Kaio (org.). **A dor e a delícia das transmasculinidades no Brasil: das invisibilidades às demandas**. Rio de Janeiro: Instituto Internacional sobre Raça, Igualdade e Direitos Humanos, 2021.

PRECIADO, Paul B. **Testo Junkie: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica**. São Paulo: N-1, 2018.

PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em Urano: crônicas de travessia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

PRINCÍPIOS DE YOGYAKARTA: princípios sobre a aplicação da legislação internacional de direitos humanos em relação à orientação sexual e identidade de gênero. Tradução Jones de Freitas. jul. 2007. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/sos/gays/principios_de_yogyakarta.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2022.

RIO GRANDE DO SUL. Decreto nº 48.118, de 27 de junho de 2011. **Dispõe sobre o tratamento nominal, inclusão e uso do nome social de travestis e transexuais nos registros estaduais relativos a serviços públicos prestados no âmbito do Poder Executivo Estadual e dá providências**. Diário Oficial do Estado de São Paulo

RIO GRANDE DO SUL. Decreto nº 49.122, de 17 de maio de 2012. **Institui a Carteira de Nome Social para Travestis e Transexuais no Estado do Rio Grande do Sul.** Diário Oficial do Estado do Rio Grande do Sul, 18 Mai. 2012

RIO GRANDE DO SUL. Portaria nº 592, DOE 247, de 20 de dezembro de 2013. **Institui o Comitê Técnico de Saúde da População de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT) do Rio Grande do Sul para subsidiar o avanço da Equidade na Atenção à Saúde da População LGBT, combate à Homofobia e dar outras providências.**

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria Estadual de Saúde. Portaria SES nº 343, de 9 de maio de 2014. **Institui a Política Estadual de Atenção Integral à Saúde da População LGBT no Rio Grande do Sul.**

ROBERTS, Tiffany K.; FANTZ, Corinne R. Barriers to quality health care for the transgender population. **Clinical Biochemistry**, [s.l.], v. 47, n. 10-11, p.983-987, jul. 2014.

RODRIGUEZ, Ale Mujica. **Cartografias de cuidados à saúde trans na Atenção Primária do município de Florianópolis, 2017 - 2018.** 2019. 145p. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

SAFER, Joshua D. et al. Barriers to healthcare for transgender individuals. **Current Opinion In Endocrinology & Diabetes And Obesity**, [s.l.], v. 23, n. 2, p.168-171, abr. 2016.

SANTANA, Bruno; PEÇANHA, Leonardo Morjan Britto; CONCEIÇÃO; Vércio Gonçalves. **Transmasculinidades Negras: Narrativas plurais em primeira pessoa.** São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2021.

SANTOS, André Luiz Melo dos. **O estado da arte sobre as barreiras no acesso à saúde para travestis e transexuais.** 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Curso de Medicina, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

SANTOS, Fernanda Marsaro dos. Análise de conteúdo: a visão de Laurence Bardin. Resenha de: [BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011, 229p.] **Revista Eletrônica de Educação.** São Carlos, SP: UFSCar, v.6, no. 1, p.383-387, mai. 2012.

SANTOS, Tarcyanie Cajueiro; MATTOS, Georgia. As representações midiáticas da transexualidade na telenovela A força do querer. **Intexto**, [S.L.], n. 49, p. 214-232, 30 abr. 2020.

SILVEIRA, Raquel da Silva et al. Racismo, relações de saber-poder e sofrimento psíquico. In: SOARES, Elaine Oliveira (Org) et. al. **Semeando o Baobá: Implementação da Política Nacional de Saúde Integral da População Negra.** Porto Alegre: Secretaria Municipal de Saúde, 2018. p. 33-45.

SIMAKAWA, Viviane Vergueiro. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade**. Dissertação de Mestrado. Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos - Universidade Federal da Bahia, 2015.

STARFIELD, Barbara. **Atenção Primária: Equilíbrio entre necessidades de saúde, serviços e tecnologia**. Brasília : UNESCO, Ministério da Saúde, 2002.

SUESS, Aimar. Análisis del panorama discursivo alrededor de la despatologización trans : procesos de transformación de los marcos interpretativos en diferentes campos sociales. In : MISSÉ, Miquel ; COLL-PLANAS, Gerard (ed.). **El género desordenado – críticas en torno a la patologización de la transexualidad**. Barcelona Madrid: EGALES, 2010

TEDESCO, Caio de Souza. **“Nós somos complexos”: Historiografia queer na contemporaneidade - uma análise da operação historiográfica no national museum: LGBT history and culture**. Trabalho de Conclusão de Curso. Graduação Licenciatura em História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018.

THOMAZI, Guilherme Lamperti. **Demandas em saúde de pessoas trans e barreiras de acesso: Experiência dos seis primeiros meses do Ambulatório T da Atenção Primária à Saúde de Porto Alegre**. 2020. 50p.

UNGLERT, Carmen Vieira de Sousa. Territorialização em sistemas de saúde. In: **Distrito Sanitário: o processo social de mudança das práticas sanitárias do Sistema Único de Saúde**. São Paulo: Editora Hucitec, 1995, p. 221-235.

VIVEROS VIGOYA, M. **As cores da masculinidade: experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América**. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018.